



**CORAÇÃO NO PUNHO E O SANGUE NO CIÚME: O JOGO ENIGMÁTICO
EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS**

Epaminondas de Matos Magalhaes¹

Renalto Ferreira Bina Junior²

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo discutir a relação homosocial e homossexual presente na obra Dom Casmurro, de Machado de Assis, marcando, por assim dizer, um texto que se lança para além das perspectivas realistas, mas que se enquadra como romance moderno, ao trazer, sob o signo do silêncio e do escuro, a problemática da homossexualidade engendrada de uma forma sutil, mas sem perder todo o efeito reflexivo que a literatura possui.

PALAVRAS CHAVE: Dom Casmurro. Homossexualidade. Narrativa moderna.

**IN HANDLE HEART AND BLOOD IN JEALOUSY: THE FEY
IN *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS**

ABSTRACT: This article aims to discuss the homosocial and homosexual relationship in this work Casmurro Sun, Machado de Assis marking, so to speak, a text that leaps beyond realistic prospect, but if enquadrando as modern novel, to bring under the sign the silence and the dark, the issue of homosexuality engendered in a subtle way, without losing all the reflective effect that literature possesses.

KEYWORDS: Sun Casmurr., Homosexuality. Modern narrative.

O ciúme dói nos cotovelos
Na raiz dos cabelos
Gela a sola dos pés

¹ Mestre em estudos de linguagem, pela universidade federal de mato grosso. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso- campus de Pontes e Lacerda. E-mail: epa.magalhaes@hotmail.com

² Graduando em Letras, pela Universidade Estadual de Mato Grosso. Professor da Escola Estadual Getúlio Vargas. Email: renaltojunior_hand@hotmail.com



Faz os músculos ficarem moles
E o estômago vão e sem fome
Dói da flor da pele ao pó do osso
Rói do cóccix até o pescoço
Caetano Veloso

Um das obras mais intrigantes da literatura brasileira, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, compreende, aos olhos da crítica literária, um texto repleto de enigmas que exigem, por parte do leitor, sempre certo posicionamento reflexivo. Há que compreendermos que a obra, *corpus* desta análise, é narrada por uma voz masculina, que, ao tecer seu discurso sobre a possível traição de Capitu, reveste-a da visão do absoluto e dos imperativos da sociedade misógina do século XIX.

A obra em questão gira em torno de um narrador-personagem, Dom Casmurro, que recebe esse título por sua casmurrice e resignação, e que, sentado em sua casa, solitário, inicia, por meio do *flash back*, a narrativa de sua vida, partindo de sua infância, ao lado de sua mãe, Dona Glória, viúva de José Dias, agregado da família e de Capitu, sua paixão de infância. Aos poucos, esse narrador-personagem, vai construindo toda a dimensão da narrativa, dando-nos uma visão idiossincrática dos fatos, permitindo ao texto, apenas sua voz, que vem com o peso de um homem resignado pela “traição” de sua esposa, Capitolina, mais conhecida como Capitu.

Aqui, cumpre-nos destacar, antes de nos aprofundarmos no foco de nossa análise, que, assim como ressalta Anatol Rosenfeld, em seu texto, *Reflexões sobre o romance moderno*, entendemos o romance moderno não como aquele que aflora na Semana de Arte Moderna, em 1922, mas que, já no século XIX, apresenta traços dissonantes da produção literária em voga. Assim, podemos destacar três traços específicos que merecem igual análise: o esfacelamento do tempo cronológico; a mudança de perspectiva e a visão relativa revista da visão absoluta. Explicaremos melhor a questão a partir da própria narrativa em questão.

Dom Casmurro quebra a narrativa em tempo cronológico, a partir do momento em que as digressões tomam forma e se tornam o fio condutor, para que possamos conhecer, pela voz desse narrador, que não permite outra voz no texto, as personagens, suas ações e pensamentos.

A narrativa está envolta no clima de suspense sobre o adultério de Capitu, e o narrador, ao longo do seu texto, cria situações, a fim de comprovar e defender sua proposta discursiva. A narrativa, portanto, gira em torno dos ciúmes de Bentinho em relação a Capitu,



tanto que, no capítulo intertextual, *Uma ponta de Iago*, fazendo alusão à obra, *Otelo*, de Shakespeare, que nos remete ao ciúme de Otelo por Desdêmona, que vai levá-los à ruína, temos as revelações da condição dos ciúmes de Bentinho, anunciada por José Dias.

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

– Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra idéia...

Outra idéia, não, — um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: “Algum peralta da vizinhança”. Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, — e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, trocariam flores e...

E... quê? Sabes o que é que trocariam mais; se o não achas por ti mesmo, escusado é ler o resto do capítulo e do livro, não acharás mais nada, ainda que eu o diga com todas as letras da etimologia. Mas se o achaste, compreenderás que eu, depois de estremecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimidar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada. Os mesmos sonhos que ora conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos. Eram soltos, emendados e mal emendados, como o desenho truncado e torto, uma confusão, um turbilhão, que me cegava e ensurdecia. Quando tornei a mim, José Dias concluía uma frase, cujo princípio não ouvi, e o mesmo fim era vago: “A conta que dará de si.” Que conta e quem? Cuidei naturalmente que falava ainda de Capitu, e quis perguntar-lho, mas a vontade morreu ao nascer, como tantas outras gerações delas. Limitei-me a inquirir do agregado quando é que iria a casa ver minha mãe (ASSIS, 1992, p. 98).



Em todas as vozes e, em especial na de José Dias, vemos claramente o tratamento dado à personagem Capitu, sempre como esperta; mesmo após a partida de Bentinho, Capitu permanecia alegre e ele a trata como tontinha, ou seja, malandra e esperta. O que vemos, portanto, é que José Dias funciona como o Iago, de Otelo, penetrando na consciência perturbada de Bentinho e desencadeando o ciúme na personagem. Dom Casmurro, portanto, torna-se um narrador despótico, em relação à personagem Capitu, aprisionando-a em seu discurso narrativo, funcionando como uma célula cancerígena e destruindo a sua relação com ela.

Nesse fluxo narrativo, quando adentramos o capítulo XXXII, intitulado *O penteado*, temos, por assim dizer, um microcampo literário que revela uma série de elementos que vão se coadunar com as hipóteses levantadas sobre os reais interesses de Capitu, a exemplificar: a personagem está sentada em frente a sua penteadeira, e, em sua descrição, relata que ela usava vestido de chita, sapatos enxovalhados e em sua penteadeira havia um espelhinho de pataca, denunciando sua condição social. Esse artifício literário é utilizado para provar que Capitu via em Bentinho a possibilidade de ascensão social, já que ele era de uma família abastada.

Assim, *Dom Casmurro* constitui-se, conforme nos aponta Bakhtin (1998), como uma construção híbrida, na medida em que temos um enunciado, dado pelas composições gramaticais e composicionais que pertencem a um narrador (Dom Casmurro), mas que criam dois enunciados, duas linguagens, sendo elas: uma semântica e uma axiológica.

Quanto à mudança de perspectiva que Rosenfeld aponta, é importante destacarmos que o foco, ou a perspectiva, antes centrada na personagem como elemento chave do texto narrativo, agora recai sobre o narrador, que detém o discurso e que engessa sua visão relativa sobre os fatos, de uma perspectiva absoluta, ou seja, *Dom Casmurro* conta os fatos não como se pudessem ser inverídicos, mas os narra com o peso da verdade, atando na velhice a juventude. De outra forma, justifica a expulsão de Capitu para a Europa e a recusa em reconhecer Ezequiel como seu filho; seria a tentativa de redenção do peso e dos erros do passado.

A fim de comprovar a veracidade de sua narrativa, o narrador interpela, a todo o momento, o leitor, chamando-o para dentro de seu texto. Ao fazer isso, o leitor é convocado a sentir os seus dramas psicológicos, dado que a grande personagem do romance é o próprio narrador, por sua esfera complexa.

Machado constrói um narrador que, embora procure convencer-nos de dizer tudo e toda a verdade e de ter o controle absoluto sobre a narração, é



explicitamente apresentado como um sujeito falho, incompleto e dependente do outro para se constituir e para se legitimar enquanto narrador. No processo da narração, esse outro é o leitor, figura que em *Dom Casmurro* aparece entranhada no tecido ficcional, que a postula como indissociável da figura do narrador e fundamental para a consumação do processo narrativo, de cujas entranhas o leitor deve participar (GUIMARÃES, 2004, p. 224).

Mas essas interpelações ao leitor sempre são interrompidas pela voz que retoma a narrativa, retomando seu controle sobre os fatos e as digressões.

Mas é tempo de retornar àquela tarde de novembro, uma tarde clara e fresca, sossegada como a nossa casa e o trecho da rua em que morávamos. Verdadeiramente, foi o princípio da minha vida; tudo o que sucedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham que entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabeças, a sinfonia... (ASSIS,1992, p. 38)

Ainda retomando a complexidade do narrador, cumpre-nos destacar que a personagem Capitu é desenhada por ele e pelas demais personagens que ganham voz, de acordo com seus interesses, como o agregado José Dias, cuja função é tecer críticas à conduta feminina adotada pela personagem Capitu, que transgredir todas as regras sociais destinadas à mulher, mãe e esposa do século XIX. No seguinte trecho narrativo, vemos os contornos que são dados à personagem: “Capitolina- Capitu, como lhe chamava em família- traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de graça. Dissimulada por índole, a insídia é nela, por assim dizer, instintiva e talvez inconsciente” (ASSIS,1992, p. 25).

O que podemos ver com isso é que Capitu, na voz de Dom Casmurro, é dissimulada, ou seja, sua índole é duvidosa desde a infância, tanto que, nas práticas escolares, Capitu não queria aprender corte e costura, mas economia e política, além de que não poderia ir mais ao catecismo, porque o padre havia se encantado por ela. Assim, o narrador desenha que sua má conduta é inata e, que, portanto, se manifestou sempre, contudo, ele, vitimado pela circunstância, só passa a ver isso na vida adulta. Ainda podemos destacar que a personagem Capitu recusa o modelo misógino e transgredir o padrão nuclear da família.

É comum vermos os estudos literários sobre a obra de Dom Casmurro, de Machado de Assis, sob o viés dos estudos de classe e sob a perspectiva da teoria do narrador, que se configura como o grande personagem do romance, contudo, queremos, neste ensaio, discutir a questão da homossexualidade.



Primeiramente, cumpre-nos destacar que Capitu é uma personagem feminina traçada por seu narrador e isso muda e plasma no texto literário os conceitos e a visão do outro, masculino, sobre ela, a personagem acusada e que não se manifesta dentro do texto. Portanto, a personagem complexa do romance não é Capitu, objeto da dúvida, mas seu narrador-personagem, Dom Casmurro, que a julga com severidade, mas, que, com a mesma proporção, será julgado pelo seu público leitor.

Dom Casmurro é o título recebido por Bento Santiago em sua velhice. Assim, a obra compreende-se como narrativa digressiva, à medida que a personagem em questão retoma o passado para narrar suas aventuras e desventuras, ao lado de Capitu. Temos, dentro do tecido narrativo, uma voz autobiográfica, que busca no passado justificar sua existência vazia e, ao mesmo tempo, aliviar a culpa da destruição de seu casamento.

O grande enigma que perdura no romance, feito como reação à publicação da obra portuguesa, o Primo Basílio, de Eça de Queiroz, paira sob a hipótese da traição de Capitu com seu melhor amigo, Escobar, e sobre quem, verdadeiramente, seria o pai de Ezequiel. Contudo, é nossa hipótese, neste ensaio, que o grande enigma em *Dom Casmurro* reside sob o prisma da homossexualidade velada e discutida, de forma discreta, dentro dos elementos que compõem o tecido narrativo.

Existe um vértice triangular na obra: Bento, Escobar e Capitu, mas, em virtude da sinuosidade da narrativa machadiana, não é dada certeza absoluta ao leitor sobre os dilemas enfrentados pelas personagens e nem sobre quem recai o ciúme do personagem-narrador, Bento Santiago.

A literatura, por meio do texto de Alfredo Bosi, o *Enigma do Olhar*, discute a questão do enigma de Capitu, contudo, neste ensaio, nos propusemos discutir o enigma de Bentinho/ Bento Santiago e Dom Casmurro, três momentos e um só enigma. Como tudo na escrita machadiana esconde algo, somos levados a desconfiar da própria personagem que narra, pois, em sua narrativa, há inúmeras voltas, inúmeros sentimentos paradoxais, inúmeras digressões que nos fazem desconfiar da veracidade dos fatos e, se confirmada nossa hipótese, mascaram um enigma e uma discussão reflexiva maior, a relação/desejo homossexual entre Bento Santiago e Escobar.

Assim, temos no romance a reflexão sobre uma nova ordem sexual que começa a despontar, com mais força, durante o século XIX. A grande questão desse vértice triangular de que o romance trata é: de quem Bento Santiago sentia ciúmes?



Bentinho, como é chamado, na infância, é criado por sua mãe, uma vez que seu pai faleceu e, nascendo com uma doença, sua mãe faz uma promessa de que Bentinho entraria para o Seminário; na impossibilidade de reverter essa promessa, ele ingressa no Seminário e lá conhece Escobar de quem se torna amigo. Estabelece com ele uma relação de camaradagem e amizade. Segundo Sedgwick:

(...) em qualquer sociedade dominada por homens, há uma relação especial entre o desejo homosocial masculino (incluindo o homossexual) e as estruturas para manter e transmitir o poder patriarcal: uma relação fundada em uma congruência estrutural inerente e potencialmente ativa. Por razões históricas, esta relação especial pode tomar a forma de homofobia ideológica, homossexualidade ideológica ou uma combinação altamente conflituosa das duas, mas intensivamente estruturada. (SEDGWICK, 1985, p. 25.)

Assim, Machado de Assis, muito além de um autor realista, dadas a discussões travadas em seu texto, se anuncia e se projeta como um autor da modernidade. Em pleno século XIX, Machado de Assis, cria, mesmo que mascarado sob o enigma da traição de Capitu, a discussão sobre a homossexualidade, pondo em cheque o modelo nuclear da família, o papel social da mulher e as relações afetivas e de gênero.

O romance, portanto, reflete a nova ordem social dada à mulher e à homossexualidade que aflora no mundo ocidental, representando com isso um novo padrão burguês emergente.

Em Dom Casmurro, essa questão, a da homossexualidade, vai sendo construída aos poucos, desde o Seminário e as desconfianças dos padres e, após a saída do Seminário, quando passam, mesmo depois de casados a morar próximos. Em determinado ponto da narrativa, Escobar planeja uma viagem conjunta à Europa e Bento Santiago tem impulsos eróticos, com a possibilidade de uma troca de casais. Depois, Escobar diz que vai adentrar o mar bravio, pela manhã, e Bento Santiago, faz a seguinte declaração:

Apertei-lhe os braços como se fossem os de Sancha [a esposa de Escobar]. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Nem só os apalpei com essa idéia, mais ainda senti outra cousa: achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadir. (ASSIS, 1992, p. 96)

Logo pela manhã do dia seguinte, chega a notícia da morte de Escobar, sendo sob esse ponto que as desconfianças de Bento Santiago tomam forma, em especial, no velório



do amigo, quando anuncia que Capitu fitava o defunto mais que a viúva. O golpe da morte de Escobar vai ser avassalador para Bento Santiago, visto que ele, que até agora buscou manter sua sexualidade delimitada: esposo, proprietário e pai de família, adotado pela conduta de Escobar, perde aquele que, de certa forma, o auxilia e sustenta sua posição.

Ainda nesse episódio, vemos claramente que Bentinho sente desejos homoeróticos por Escobar, mas, como forma de reafirmar sua sexualidade, dadas as exigências patriarcais, ressalta que apertou-lhe como teria feito aos de Sancha, mas não esconde que existe uma outra verdade, um outro enigma.

Há um elo fortemente marcado entre Escobar e Bentinho e a quebra desse elo leva-o à paranoia de ciúmes e à destruição de seu casamento.

O triângulo amoroso nos leva à constatação de que existe uma mulher para dois homens, mas, também, nos leva ao paradigma de que existe um mesmo homem para ele e para ela. Assim, os ciúmes de Bentinho não estariam, apenas, sobre a figura de Capitu, mas desse mesmo homem, ou seja, de Escobar.

É claro que Bento deseja Escobar e esse o deseja também, contudo as relações patriarcais e hierárquicas masculinas, dado o contexto machista do século XIX, não tornam possível que ambos realizem esse amor. Bento Santiago entra em estado paranoico, justamente, por não saber lidar com a situação dos laços afetivos que o ligam a Escobar; a partir daí, suas acusações a Capitu se tornam mais frequentes e profundas, ao ponto de enviá-la para a Europa.

Em uma sociedade marcada pela monogamia, as relações homossexuais seriam totalmente rechaçadas; nesse sentido, a figura da mulher, apenas colabora com a relação de poder entre os homens e é uma forma de mascarar esses desejos, entendidos, aqui, nas relações homosociais de camaradagem entre os homens, ou seja, o que queremos dizer com isso é que Capitu, na tríade, é um escudo, utilizado por Bento Santiago para mostrar, perante a sociedade, seu heterossexualismo e sua relação masculina e aveludar a relação de desejos eróticos por Escobar.

O ciúme e as crises contra Capitu, na realidade, revelam, apenas, um rancor mascarado na possibilidade da traição de Escobar e uma crise homofóbica contra si mesmo, uma vez que rejeita os desejos que sentia por Escobar, principalmente, a partir do momento em que a ausência dele torna-se efetiva e real, por meio de seu afogamento. Ou seja, com a possibilidade de não o ter por perto, o que vemos é um desejo que aflora, de uma forma violenta e homofóbica, contra si próprio.



Isso se deve ao fato de que o período em que o romance foi escrito, século XIX, as questões de identidade de gênero eram demarcadas, de forma profunda, não permitindo certos cruzamentos. Tanto que a própria paranoia de Bento Santiago, aspecto característico, nesse momento, mais das mulheres, o femininiza.

Dessa forma, compreende-se Dom Casmurro como uma narrativa atual, pois discute problemas caros à modernidade. A questão da homossexualidade no romance, que vem mascarada e velada, não deixa de ser percebida pelo leitor. A aceitação desse desejo por parte do personagem Bento Santiago é o fio condutor de toda sua complexidade, principalmente, tratando-se de uma sociedade misógina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. 4a ed. São Paulo: Unesp, 1998.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19**. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between Men - English Literature and Male Homosocial Desire**. New York: Columbia University Press, 1985.